

PATHOLOGIA GERAL

INCONSEQUENCIAS E CONTRADIÇÕES DAS DOU- TRINAS PARASITARIAS

Pelo professor PETER

(Continuação da pag 312)

O bacillo eventual do tuberculoso e não da tuberculose, do leproso e não da lepra, do syphilitico e não da syphilis, é o que se pode achar nas lesões de taes molestias, mas nunca o bacillo gerador.

Se elle produz a syphilis, a tuberculose ou a lepra é porque vem d'um syphilitico, d'um tuberculoso ou de um leproso, trazendo consigo os elementos da infecção, embora não seja por si mesmo infectante, mas por ter sahido de um organismo infectado. A granulação molecular, «organite de Bouchardat,» microzymba de Bechamp e de Estor, » molecula organica de Buffon; não é um parasita, mas sim a base de todos os tecidos, vivendo no organismo humano mesmo depois da morte, visto que *a vida não perece*.

Estes elementos continuam a viver e se desenvolvem indefinidamente fóra de nós como em nós, e vivem ou sob a forma primitiva de simples granulação isolada (*microcoque*) ou sob a de granulações agglomeradas duas a duas (*diplocoque*); ou *n a n* (*microbio encadeiado*); ou ainda as granulações são agglutinadas, (*zooglêa*) ou emfim alongam-se em forma de bastonetes, (*é o bacillo ou microbio*).

Mas, quem não vê em tudo isto condições morphologicas *eventuaes*, que não poderiam alterar as propriedades da granulação primitiva? De sorte que se a granulação ou zooglêa e o bacillo sahem de tal ou tal meio, as propriedades que então manifestam são as deste, tornando-se, ao que parece, inoffensivas quando provêm do esmegma d'um individuo, ao contrario, transmittindo a syphilis se sae d'um meio syphilitico, a lepra, se vêm de um meio leproso, e a tuberculose, se o meio gerador é tuberculoso. M. Pasteur mesmo, bem involuntariamente é ver-

dade, demonstrou já que as qualidades eventuaes da bacterie ou microbio são dependentes das condições de meio, o que é bastante variavel para suas propriedades. O que são, com effeito as bacteries inoffensivas sahindo de seo *nono caldo* de cultura, quando entretanto já tinham saído carbunculosas do corpo d'um animal com a pustula maligna? Vê-se portanto que estes elementos perderam progressivamente suas qualidades passando em caldos successivos donde sahiram inertes, ficando morphologicamente os mesmos, embora modificados qualitativamente por mudarem de meio! O facto porém é que em nós tudo é synergico e adequado, os solidos como os liquidos, as granações como os humores; de tal modo que o que é proveniente de um individuo são é inoffensivo para um individuo da mesma especie, emquanto que o que vem de um doente pode ser malefico para outrem.

Assim é sempre em geral.

Passemos agora a nos occupar dos *liquidos*, a grande confusão do parasitistas.

Investigações contraproducentes sobre duas molestias terribes desfecham sobre as doutrinas parasitarias e microbianas um golpe tão fatal quanto inesperado. Quero fallar das pesquisas sobre o *cholera* e a *raiva*. E' sabido que M. Pasteur enviando ao Egypto quatro de seus discipulos escolhidos tinha por fim expresso e exclusivo a investigação do microbio do *cholera*, e seo fim ulterior era a attenuação do virus cholericico.

Esta attenuação um medico hespanhol, o Dr. Ferran, julgou ter realisado, sabe-se com que successo.

Tambem ninguem ignora o resultado da missão Pasteur ao Egypto e suas illusões e erros. Todos sabem que o chefe da missão allemã, o Dr. Koch, demonstrou aos sabios francezes que elles tinham tomado por microbios pathogenicos simples placas de sangue. Sabe-se ainda que por justas represalias os sabios francezes demonstraram ao sabio allemão que seo bacillo-virgula, pretendido cholericeno: 1º, *podia não existir nos casos de cholera fulminante*, isto é, naquelles em que, por hypo-

these, se deveria encontrar grandes quantidades; 2º, que esse micro-organismo era um microbio *banal*, pois que podia ser encontrado por toda parte, até mesmo no liquido leucorrhœico. Tambem temos conhecimento de que Koch, assim em difficuldades, não invocou outro argumento scientifico senão uma *hypothese*, a da secreção de uma ptomaína, facto não demonstrado para seo microbio-virgula. Desta hypothese resulta que a ptomaína deveria ser tanto mais abundante quanto mais consideravel fosse o numero dos bacillos-virgulas. No caso, porém em que este microbio não existe, donde vem a ptomaína? Koch poderá responder (o que é sempre permittido) que se os microbios não têm sido encontrados é porque (tratando-se de observadores experimentados) eram pouco numerosos, o que significa que as ptomaínas são tanto mais abundantes, nos casos fulminantes, quanto menor é o numero dos microbios, o que é um absurdo.

Uma outra consequencia da nova doutrina de Koch é que não são os solidos mas os liquidos os corpos virulentos no cholera, pois que a ptomaína dissolvida no soro do sangue é que traz em resultado os accidentes cholericos. Ora, a observação rigorosa e mesmo as analogias demonstram que o cholera é um envenenamento por um alcaloide animal; alcaloide susceptivel de se desenvolver espontaneamente no organismo vivo, pelo facto de modificações talvez isomericas, independentemente da acção de um microbio que pode não existir no intestino do cholericico e que, ao contrario, pode ser encontrado na vagina de uma mulher atacada de leucorrhœa, que por isso deveria ser infectada de ptomaína, ter o cholera, quando nada disto succede.

Assim, e como ultima conclusão, a doutrina de Koch, solidista em principio, *acabaria em uma theoria humoral*. Como acabamos de ver esta doutrina não supporta por um instante o exame, bastando admittir em ultima analyse o desenvolvimento d'uma ptomaína cholericica por um acto da espontaneidade morbida do organismo.

O mesmo succede com a raiva, pois é sabido que na hypothese pasteriana deve haver um microbio rabico. Ora, este microbio se tem procurado em vão na saliva, no systema nervoso, logares onde só granulações têm sido encontradas, o que tem satisfeito.

Estas granulações (M. Pasteur o ignora) são productos morbidos que Glüge descreveo, ha muito tempo, com o nome de *corpos granulados*, e que se encontram em toda myelite desde o primeiro periodo. A regressão gordurosa dos tecidos tem como resultado o apparecimento das granulações moleculares que constituem estes tecidos. As granulações provenientes de uma medulla atacada de inflammação simples são incapazes evidentemente de produzir a raiva, não sendo o mesmo se provierem da medulla d'um animal rabico.

Em sua communicação á Academia de Medicina M. Pasteur nos ensinou que para attenuar a virulencia, não de um virus, mas d'uma medulla doente, é preciso *desseccal-a*.

Aqui ainda uma hypothese parasitista e portanto *solidista* reduzio-se a uma doutrina *humoral*, isto é, á negação do parasitismo. Com effeito, como faz M. Pasteur para attenuar a virulencia? Dessecca medullas consideradas como rabicas. Em um dia, por exemplo, a medulla é virulenta, no outro o é menos, e assim progressivamente. Pelo exame continuo chega-se ao nono dia em que esta medulla perdeo sua virulencia, ao mesmo tempo que a dessecação lhe fez perder seo liquido. A virulencia desaparece assim pouco a pouco da medulla, a ponto de extinguir-se *inteiramente*, como é a propria expressão de M. Pasteur. Que differença ha, pois, entre uma medulla rabica desseccada e uma medulla rabica no estado fresco. A differença é pelo menos de liquido; pelo que, se uma medulla rabica secca deixou de ser virulenta, é isto devido á perda da sua parte liquida, e portanto a conclusão unica que se impõe é que a virulencia era do liquido.

Nas medullas rabicas M. Pasteur não descobrio microbio algum, mas encontrou granulações extremamente pequenas e

numerosas; e, cheio de embaraço, elle mesmo pergunta se estas granulações não seriam o microbio da raiva. Admittamos por um instante que sejam. Ora, estas granulações não podem ter desaparecido por evaporação; mas uma medulla secca, segundo M. Pasteur, não é virulenta e pois as granulações seccas tambem não o serão: logo, é o liquido que é virulento. E' uma conclusão forçada esta, de que ninguem poderá fugir. Além disso a saliva de um cão hydrophobo é eminentemente rabifica, e é entretanto liquida. Nella existem microbios os mais diversos, nenhum, porém, específico. Entretanto as mordeduras infelizmente muito frequentes de cães damnados demonstram claramente e sem mysterio que o liquido salivar é rabifico. Provavelmente se produz uma modificação isomerica do liquido e do solido que ella contém; e se a parte solida pode transmittir a raiva é quando está impregnada do liquido isomericamente modificado pela molestia, e pelo facto da espontaneidade viva. Assim, ao ponto de vista solidista ou humoral, as doutrinas parasitarias não podem supportar o exame, sendo os proprios microbios que concorrem a sua propria refutação. Com effeito, é certo que a desordem nos phenomenos da vida engendram as molestias, e que venenos morbidos se desenvolvem espontaneamente nos organismos vivos. O cholera e a raiva são exemplos disto. Agora, é impossivel que se consiga transformar estes venenos morbidos em remedios, como a therapeutica faz para certos medicamentos. Ao tempo compete demonstrar, sem ser preciso muito apressadamente entoar os hymnos da victoria, quando o ponto de partida das investigações é um erro doutrinal.

Emfim, e como conclusão, para que esta luta contra o parasitismo sem utilidade? Para destruir uma serie de erros em que se basea, tomando o effeito pela causa, e o producto morbido pelo principio gerador, considerando somente os solidos como os corpos pathogenicos, enquanto que os liquidos tambem o podem ser. Os solidos como os liquidos não são morbificos,

com effeito, senão em virtude das modificações produzidas pelas desordens da vida.

Dêmais, o parasitismo considera o que é *análogo* como o que é *identico*. As inoculações desenvolvem as mais das vezes molestias differentes da molestia primitiva, e os parasitistas se contentam com estas analogias para concluir sobre o caso. E' assim que estes tem imaginado a *molestia experimental*, que apenas se parece com a molestia primitiva, como succede com o cholera experimental, que é para o cholera aziatico o que a expectoração é para a tísica! Emfim, nas doutrinas parasitistas, desconhece-se a genese dos productos morbidos: não se pode ver a evolução das zooglêas em bacillos, e das granulações moleculares em bastonetes. Em medicina toda questão doutrinal tem uma sanção pratica, ou uma triplice sanção: a medica, a therapeutica e a social. A sanção medica para a tuberculose nós encontramos nesta proposição excessiva da contagiosidade absoluta á qual arrasta a doutrina parasitaria. Tambem tem se dito até que *todo tísico é infeccionado por um outro tísico*. A consequencia pratica e rigorosa é que todo tuberculoso deve ser isolado e posto em quarentena, como os pestíferos de outr'ora. A sanção therapeutica se mostra nas investigações tão activamente agitadas de agentes microbicidas, o que é um desarranjo da therapeutica que se dirige ao effeito considerado como causa.

A sanção social já começou a fazer-se sentir e ameaça tornar-se terrivel se estas doutrinas erroneas não forem reduzidas a breve esquecimento. O terror das populações conduzirá á quarentena os tuberculosos como os cholericos, e trará a repetição d'estas scenas de selvageria de outro tempo, de que a Italia nos deu o triste quadro durante a ultima epidemia de cholera. Já n'estes paizes os proprietarios tem o direito de expellir todo locatario atacado e convencido do *crime* de tuberculoso! Eis porque combato estas doutrinas, em apparencia exclusivamente scientificas. Creio ter razão de o fazer, e por isso que o creio é que o faço. (*Semaine Médicale*, Dezembro de 1885).